



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Romantismo: A Formação da Literatura Brasileira

Júlio Flávio Vanderlan Ferreira

Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe
Especialista em Literaturas Brasileira e Portuguesa pela Faculdade PIO X
Professor do ensino médio da rede particular de ensino em Aracaju – SE – Brasil
E-mail: julioflavio.04@hotmail.com

*Nosso céu tem mais estrelas,
nossas várzeas tem mais flores.
Gonçalves Dias*

Resumo: Esse trabalho tem o escopo de discorrer sobre o período do Romantismo no Brasil e as contribuições que esta época ofereceu à formação da nossa literatura, bem como as transformações que o país sofreu no plano literário oriundas também de acontecimentos políticos. Foi na era romântica que o Brasil buscou sua identidade literária através de temas e elementos genuinamente brasileiros. Nesse conciso percurso discorreremos também, de forma geral, sobre alguns dos principais autores e obras, a gênese do Romantismo, como ele manifestou-se no Brasil. Veremos também como a produção romântica difundiu nossa língua, nossas paisagens, nossos costumes com a intenção de criar a identidade da nossa jovem nação através da literatura.

Palavras-chave: Romantismo; formação da literatura; formação da nação.

Mormente, antes de ir aos fatos e obras do Romantismo, seria importante fazer uma análise etimológica do verbete que nomeia tal escola literária. De forma geral, quando se fala de romantismo, automaticamente o verbete é associado á atitudes líricas e melancólicas, porém, na literatura não é necessariamente assim que isso acontece. Foi no período do Romantismo que o Brasil floresceu enquanto nação independente e buscou alçar voo em áreas distintas, entre estas, está literária, pois até então, tudo que era produzido no Brasil era “exportado” da Europa de forma que a produção acontecia em terras brasileiras, porém os temas e formas de composição das obras literárias eram inspirados em padrões europeus. O verbete romantismo, junto com o próprio movimento artístico e filosófico que posteriormente levaria o seu nome, seria de origem Inglesa ou francesa. A palavra seria oriunda destes países e era designada a narrativas do início do século XII, narrativas que eram de feitos heroicos, aventura e amor. Somente pela análise etimológica do próprio nome, já seria possível notar que o que fosse de origem romântica não poderia ser clássica, pois segundo “Já a etimologia do termo indigita o gosto das tradições medievais e cultura folclórica” [1]. Ou seja, não estava ligada á tradições e ritos da aristocracia.

É fato que a literatura, enquanto forma de arte acompanha toda a dinâmica social e acontecimentos do plano político, filosófico e econômico são retratados em obras de seus respectivos períodos, pois esta arte secular e tão sublime além de poder representar de forma artística e simbólica as experiências da vida humana, também retrata o que acontece na sociedade onde nasce a respectiva obra literária. O século XIX foi marcado por acontecimentos que de certa forma mudaram o curso político do velho e do novo mundo. A revolução francesa foi um marco que impulsionou o Romantismo e colocou a baila a nova classe que seria então a dominante, a burguesia. Essa novo movimento filosófico e literário que surgira na Inglaterra, na Alemanha e depois se espalhou pela Europa culminou no Brasil, sobretudo, n´um sentimento de nacionalismo e de independência, pois nessa época, o Brasil ainda era colônia de Portugal. Apesar de, no Arcadismo ter surgido os primeiros sinais de insatisfação com a situação de submissão á coroa Lusitana, foi no Romantismo que a esse sentimento antilusitano se consolidou.

Mesmo com Inconfidência Mineira, e obras de cunho satírico, como Cartas Chilenas, de Tomás Antônio Gonzaga, a colônia ainda continuava sob forte domínio de Portugal. A grande quantidade de impostos que os brasileiros pagavam aos nobres portugueses também foi fato que contribuiu mais ainda para com a insatisfação da colônia portuguesa, com isso, seria natural que o desejo de emancipação aos poucos aparecesse. É no Arcadismo que a figura do índio começa a aparecer pela primeira vez, ainda não como herói

tão nobre como veremos nas representações românticas, entretanto como simples nativo, elemento da terra.

Apesar de o Brasil ter tido uma boa produção durante o arcadismo, tudo o que se produziu aqui era considerado artificial e superficial, visto que apesar de alguns escritores serem brasileiros, os temas eram puramente estrangeiros, o que rendeu também ao Neoclassicismo-forma como o Arcadismo também era conhecido- títulos de não muitos honrosos, muito do que era produzido era considerado artificial, resultado do puro convencionalismo árcade.

Seria possível lançar um questionamento: Se a literatura é produzida no Brasil, por qual motivo ela não seria genuinamente brasileira? Ora, pois, muitos desses questionamentos e colocações dos intelectuais que aqui viviam estavam ligados também a questões políticas e sociais, pois se o Brasil, na condição de colônia, dependia de Portugal, nossa literatura não poderia ser livre e soberana se olharmos por esse prisma. Com toda a turbulência que a Revolução Francesa causou naquela época, pois o absolutismo estava declinando e o liberalismo ascenderia com a tomada de poder pela burguesia. A família Real, em 1808 vem para a sua Colônia mais desenvolvida, o Brasil, fato este que, de certa forma fora decisivo para o desenvolvimento da então colônia á emancipação desta que seria uma jovem nação.

O Romantismo se manifesta como um movimento artístico e filosófico que aparece no fim do século XIII e no começo do século XIX. Essa nova estética e ideais que é trazida é uma reação á estética e a filosofia iluminista, a qual embasou o Neoclassicismo, movimento anterior á era romântica. O Neoclassicismo, ou Arcadismo como também era conhecido, teve início no Brasil com a publicação de *Obras Poéticas* de Cláudio Manuel da Costa, em 1768. Foi no período de produção neoclássica que começou a surgir os primeiros sentimentos anseio por liberdade, o que deslançou no movimento da Inconfidência Mineira, visto que Minas Gerais foi o principal cenário no qual os poetas árcades viveram e descreveram em suas obras.

No Brasil, o Romantismo não chegou e se consolidou de forma direta. Antes da era romântica o nosso país passou por um período de transição: O Pré-romantismo. Essa época de transição que ocorreu em 1808-1836, entre o fim do apogeu da estética clássica e dos padrões árcades foi importante para que os ideais e os valores românticos depois se consolidassem e corroborassem de forma mais incisiva á formação dessa nova era, a era nacional na nossa literatura. “O pré-romantismo descreve um estado de coisas que ainda são um prolongamento das ideias do séc. XIII, mas contraditoriamente prenuncia a

fisionomia na nossa literatura”[2]. O Pré-romantismo no Brasil teve uma adjetivação oriunda da influência e da colaboração dos franceses na nossa nação, por isso, pode-se chamar essa época de Pré-romantismo Franco-Brasileiro. “O Pré-romantismo é um corpo de tendências, temas, ideias, sem construir doutrina literária homogênea, com remanescentes clássicas e arcádicos, e elementos novos”[3]. Tal denominação não foi dada por acaso, dada a importância que os alguns franceses tiveram na formação da nossa literatura, a contribuição deles não ficou só no plano literário, mas também em estudos naturalistas e históricos da jovem nação que acabara de sair dos domínios portugueses. Dentre estas figuras que corroboraram ao desenvolvimento da nossa literatura, está o Francês Ferdinand Denis. Em 1826 Denis publica sua primeira obra no Brasil: *RESUMÉ DE L’HISTTOIRE LITERARIE DU BRÉSIL*, que falaria sobre nossa literatura. “Denis foi o primeiro a traçar um esboço de visão histórica das manifestações literárias do Brasil colônia e sugerir a projeção de uma literatura brasileira”[4].

Outro francês que produziu em terras brasileiras na época do pré-romantismo foi Teodoro Taunay, membro de uma família que fazia história dentro da nossa literatura com outros filhos ilustres. Teodoro escreveu *Os Índios Brasileiros* (1830) obra que fala dos nossos nativos e da nobreza deles diante das adversidades oriundas do processo de colonização. “Teodoro Contribuiu ao sugerir aos brasileiros a importância da poética da independência”[5]. Edouard Corbière foi também outra figura importante nessa época de transição da nossa literatura, pois em *Élégies Bréseiliennes* (1823) ele fala sobre a coragem dos índios brasileiros que preferiam a morte à escravidão. Teria sido, talvez, esse o precursor do indianismo posteriormente na era romântica.

No Brasil, o Romantismo teve início em 1836 com a publicação de *Suspiros Poéticos*, de Gonçalves de Magalhães, que poderia ser considerado o patrono do romantismo brasileiro devido a sua contribuição e atuação na produção desse período. O senso de relativismo colocado por Magalhães foi primordial ao desenvolvimento e concretização do movimento no Brasil.

O período romântico brasileiro rendeu frutos na poesia, na prosa e no teatro. A poesia desse período, atendia, é claro aos ideais colocados em pauta pela ação revolucionária do Romantismo em oposição as formas e temas clássicos. Saindo da perspectiva clássica e aristocrática, esses novos moldes deixavam o poeta livre para criar e as formas outras canonizadas e retomadas pelo Arcadismo, -soneto, ode etc- deixam de vigorar. “ Quanto à forma, nenhuma ordem seguimos; exprimindo as idéias como elas se apresentam, para não destruir o acento da inspiração ...”[6]. Nos primeiros manifestos dos

primeiros periódicos e revistas notava-se todo o sentimento de liberdade política, social, filosófica, o que refletiria diretamente na produção literária. Magalhães foi um dos escritores que encabeçaram essa primeira fase da poesia romântica, qual ficaria conhecida como nacionalista graças ao espírito patriótico o ufanismo.

Não, oh! Brasil! No meio do geral merecimento tu não deves ficar imóvel e tranqüilo, como o colono sem ambição e sem esperança. O germe da civilização, depositado em teu seio pela Europa, não tem dado ainda todos os frutos que deveria dar, vícios radicais têm tolhido o seu desenvolvimento. Tu afastaste do teu colo a mão estranha que te sufocava, respira livremente, respira e cultiva as ciências, as artes, as letras, as indústrias, e combate tudo o que entrevá-las pode.[7]

A poética romântica pode ser considerada simples e singela, mas não é por acaso, pois já que a palavra de ordem era liberdade, o poeta romântico não estava preso às formas fixas e clássicas outrora vigentes. É na simplicidade e melancolia- sentimento muito comum em obras românticas – que a *Canção do Exílio* (1843), de Gonçalves Dias, que a escreveu quando estava exilado na África, torna-se um símbolo do romantismo no Brasil, pois tal poema e estrutura simples e fácil compreensão. Tamanha importância dessa obra reflete-se no fato de que alguns nos seus versos depois foram incorporados ao nosso hino Nacional.

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá,
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá,
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá (...) [8]

O sentimento de nacionalismo e o amor à pátria é algo presente nesse poema de Gonçalves e tal sentimento de apreço pela nação estende-se em outras obras. Os elementos da natureza brasileira são exaltados e a melancolia junto ao sentimento de saudade acentuam mais ainda a simples composição poética consagrando-a na poética romântica e nacionalista. Gonçalves Dias, de certo modo, na era romântica, fora o primeiro indianista, visto que antes, o Padre José de Anchieta já descrevera os nativos locais como bons selvagens, o padre que também era dramaturgo já incluía os índios em suas obras do período Barroco, porém, para o índio ser catequizado, o que na verdade era um aculturamento, o nativo precisaria estar inserido no contexto de civilidade europeu. O

indianismo Gonçalves, foi o primeiro a descrever o índio de forma heroica sem pagar tributos à estética e valores europeus. Gonçalves Dias foi o primeiro a fazer o binômio indianismo-Romantismo. No poema épico *I-juca-Pirama* (1848) que em Tupy significa “digno de morte” ou “aquele que há de morrer”, Gonçalves retrata toda a dignidade e valentia de um indígena que se recusa a lutar e pede para não morrer após ser capturado pelos Timbiras, tribo inimiga, que após o pedido de soltura, acaba libertando-o por julgá-lo covarde. O valente guerreiro quer voltar à sua tribo para cuidar do seu pai que era doente e cego, no entanto, após voltar à sua tribo de origem, o nobre guerreiro obedecendo ao pedido do velho pai, para não parecer covarde, volta a tribo inimiga para lutar e lavar sua honra que ficara em cheque após todo o ocorrido. O próprio poema *I-juca-Pirama* além ressaltar o valor da figura do nativo brasileiro, nos dá um exemplo de musicalidade e fluência da poesia romântica. Musicalidade essa que poderia até nos remeter a rituais indígenas devido ao ritmo cadenciado e compassado do poema.

Canto da Morte

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.
Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros ouvi (...) [9]

Concebendo a era romântica como puramente burguesa e composta por aspectos contraditórios, é possível notar que o romantismo mantém certa unidade em alguns aspectos, porém em outros, ele é dualista, tendo como maior exemplo os autores da geração “Ultrarromântica”, a qual era pessimista e desacreditava nos ideais patrióticos. Contudo, no romantismo, o indianismo foi o movimento marcado pela idealização da figura do nativo que se manteve estável tanto na poesia quanto na prosa. Dentre todos os escritores da era romântica no Brasil, um dos mais notáveis, quiçá o mais importante de todos seria José Martiniano de Alencar Júnior, ou simplesmente José de Alencar. Esta cearense que nasceu em 1829, em Mecejana, um lugarejo na periferia de Fortaleza, foi o primeiro a criar um programa de identidade nacional a partir da literatura, apesar de também ter sido jurista, filósofo do direito e político. Com apenas um ano de idade, Alencar muda-se para o Rio de Janeiro acompanhando os seus pais, pois o seu pai acabara de ser eleito

senador do Império do Brasil. Porém a moradia na capital fluminense demorou pouco tempo, porquanto oito anos de idade o jovem voltou a morar na capital cearense quando o seu pai foi eleito governador daquele estado. Foi no período de sua infância que Alencar conviveu com a natureza exuberante daquele lugar. Foi com o conhecimento das leituras e peças de grandes obras francesas que, Alencar, morando na cidade de São Paulo, enquanto estudava direito tornou-se um ambicioso e promissor escritor pronto a estrear nas letras da jovem nação. Em 1854, após formar-se em direito Alencar vai morar na capital fluminense e começa a escrever no rodapé de um jornal. Desse episódio é possível notar a interação da imprensa com o público leitor e perceber a contribuição desse veículo midiático para com a formação do público leitor, pois foi com a impressão dos folhetins, tipo de publicação “importada” da França que grandes obras da nossa literatura começaram a publicar no Brasil. Foi na intenção de atrair leitores aos jornais que Alencar começou a escrever esses romances que eram um tipo de brinde aos leitores do jornal.

Em 1857, Alencar lança em forma de folhetins *O Guarany*, romance considerado um dos maiores representantes do indianismo. Pois a trama contava a história de Peri, um nobre índio brasileiro e Cecília, a qual era chamada de Cecy, uma bela moça que descendia de europeus. Teria sido, talvez, o folhetim, um tipo de precursor das nossas novelas, visto que a técnica narratológica dos folhetins que fora inspirada em narrativas francesas, fora aplicada de forma genial por Alencar, pois no final de um capítulo ele sempre deixava algo despertando a curiosidade de quem lia para o próximo.

Com o Romantismo, pois, nasceu a novelística brasileira e suas primeiras manifestações pertencem, hoje, ao domínio pouco acessível da arqueologia literária: de consulta difícil muitas vezes impossível, já não figuram nem mesmo nos estudos especializados, nos quais não deveriam faltar, pela contribuição que, como inauguradores da forma prestaram ao desenvolvimento do nosso romance. [10]

Em *O Guarani*, trama alencariana, é possível notar como o a figura do indígena brasileiro é exaltada e mostrada de forma magistral pelo autor. O romance de Peri e Ceci poderia ser uma metáfora, do que seria a aproximação do velho mundo, que estava representado na figura de Ceci, que às vezes agia de forma contraditória quanto aos seus sentimentos por Peri, enquanto o guerreiro indígena poderia representar o novo mundo, e toda a nobreza dos seus habitantes. No desenrolar do romance, Peri sempre é visto pelo narrador como um figura nobre que se sacrifica para ceder ao que seria caprichos de Ceci, que certa vez pede que o valente índio desça até um penhasco cheio de serpentes para resgatar um lencinho dela. Nessa trama Alencariana é possível notar a genialidade do autor, pois de forma magistral ele relata o episódio que Peri, pensando que seria devorado por uma tribo inimiga, ingere o veneno de uma cobra que picara Ceci, e com isso, a tribo

que supostamente o devoraria, morreria envenenada. Ou seja, Alencar o canibalismo dos indígenas brasileiros fora superado pelo heroísmo de Peri, pois a figura do herói da nação não poderia ser canibal. O indianismo deu origem ao que ficou conhecido como o “mito do bom-selvagem”, mito esse que trouxe a baila questões filosóficas relacionadas ao discurso de Jean-Jacques Rousseau, pois este grande pensador do século XVIII dizia que todo homem nasceria bom, mas seria corrompido pela sociedade, partindo desse postulado, o índio seria um ser sem a corrupção trazida pela colonização, portanto, a figura do índio era vista como um convite a um retorno às formas primitivas da natureza humana as quais estaria livres da corrupção. Além promover o índio ao título de “herói nacional” esses romances também discorriam sobre o nosso processo de colonização e, no caso d’*O Guarani*, como a figura do índio sempre tem vantagens pelo seu conhecimento da natureza e no fim da narrativa, Peri salva Ceci e os dois saem flutuando numa palmeira que o índio arranca livram-se d’um dilúvio.

O hálito ardente de Peri bafejou-lhe a face. Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e lânguidos sorrisos: os lábios abriram como as asas purpúreas de um beijo soltando o vôo. A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia...E sumiu-se no horizonte.[11]

Apesar de a prosa romântica fosse basilarmente apoiada em fatos ficcionais, os romances que produzidos em terras brasileiras da época do romantismo foram subdivididos por temáticas. Entre as narrativas que eram produzidas, ou direcionadas na corte, levava-se o nome de “romances urbanos, e o que era produzido ou direcionado nas províncias, ou seja nos interior ou nas partes menos desenvolvidas naquela época eram chamados de “romances; regionalistas, ou históricos. Nessas narrativas era possível notar como a vida no país era vislumbrada na filosofia e na estética do um socialismo utópico, pois a vida e as paisagem eram descritas e idealizadas pela, e para a nova classe que surgia, a burguesia.

Dentre esses romances aqui produzidos, os urbanos era o tipo de narrativa na qual , basicamente, retratava-se o cotidiano da burguesia nos grandes centros urbanos, naquela época, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse tipo de narrativa destacou-se *A moreninha* (1844), de Joaquim Manoel de Macedo. Essa narrativa de enredo e estrutura simples foi considerada pela crítica uma obra simples e ingênua. Dentro dos moldes românticos, a trama retratava a vida cotidiana da burguesia em meados no século XIX e evidenciava as discussões sobre o amor e os casamentos arranjados naquela época. Mas, como em boa parte das obras românticas, sempre havia um final feliz por parte dos protagonistas, os quais se apaixonam na infância e depois se reencontram e tem um digno de uma trama romântica. A importância desse tipo de narrativa á sociedade era notável, pois naquela época, a literatura e leitura, serviriam como um “manual de bons costumes”, ou seja, esta arte retrataria o que seria um ideal de sociedade e famílias exemplares. Um

grande exemplo do patriarcalismo que era refletido na literatura poderia ser *Lucíola* (1862), de Alencar. A trama narra a história de uma mulher do baixo meretrício que conhece Paulo, com quem tem um filho e no fim da história ela morre e é reclusa da sociedade por conta do pecado que cometera, o adultério. A morte da protagonista simboliza “o castigo merecido” que uma cortezã teria de ter naquela sociedade, afinal, seria inaceitável que uma mulher de conduta abominável tivesse um final feliz.

Em outra vertente, mas ainda dentro da proposta do nacionalismo, os romances regionalistas tiveram uma função notável dentro do que se propunha: Divulgar os costumes e regiões ainda desconhecidas por grande maioria dos leitores daquela época. O sentimento de apreço pelas origens ainda é o mesmo, não obstante nos romances regionalistas, o autor parte do nacional, para o regional. Esse tipo de romance também trouxe a baila uma questão que iria de encontro a postulados da filosofia romântica, pois o romance regionalista foca mais em questões e descrições do coletivo, ao invés de aprofundar-se na subjetividade do próprio autor, visto que a subjetividade era um dos traços mais marcantes das obras românticas, demonstrando-nos mais uma vez as contradição desse período literário.

O romance regionalista, na literatura universal, nasceu da atividade da estética romântica como possível fruto da reação contra o subjetivismo exagerado, cujo epifenômeno era a hipertrofia do eu. [12]

Dentre vários escritores da prosa regionalista, Visconde de Taunay, descendente de franceses, é uma das figuras mais notórias, pois *Inocência* (1872), considerado a sua obra prima, o qual fora traduzido para quase todas as línguas modernas, fora um dos romances desse tipo que mais se destacou na época. Essa narrativa conta uma história de amor que se passa no interior do Brasil e mostra com tom romântico e realista as cores daquele lugar e daqueles costumes até então inéditos na literatura. Além de físico, matemático engenheiro e geógrafo, Taunay também era militar e foi nas expedições militares ele assimilou a cultura, a linguagem, os hábitos e tudo de mais singular que a região “norte”, como era conhecida, tinha de singular.

Nesse conciso percurso de estudo sobre o período romântico, além de falar da poesia e da prosa, é necessário ressaltar também a importância do teatro romântico, pois foi nele e na literatura oral que os nossos romances de ficção tiveram sua obra arquitetônica. Na era romântica brasileira o teatro também contribuiu de forma significativa para com a formação da autonomia da nossa cultura. Apesar de não ter tradição teatral no Brasil, foi na época do romantismo que o teatro renovou e inovou o pouco desenvolvimento que as artes cênicas tinham no país. Junto com a literatura a dramaturgia brasileira também trouxe a proposta de inovar e sair dos moldes clássicos. Houve rompimento nos três que compunha o teatro: Tempo espaço e ação. As cenas tiveram a dinâmica modificada, elas aconteciam em

lugares diversos e com recursos antes não utilizados, tais como animais que subiam no palco. Os textos eram mais voltados para temas sociais e retratava o cotidiano da burguesia.

José de Alencar também escreveu peças para o tetro, mas não se enveredou muito na dramaturgia, uma das obras, talvez a melhor, intitulava-se *O demônio familiar* (1858) uma comédia feita em quatro atos de costumes leves. A trama narra a história de um escravo que quer casar os patrões com parceiros mais abonados e acaba sendo o capeta da trama. O castigo que ele recebe é a alforria. Fica a ideia de que o negro tem de ser tutelado. Vale lembrar que o autor era um aristocrata rural. Outro grande autor brasileiro que contribuiu para com a produção teatral foi Álvares de Azevedo, este ultrarromântico que também sofrera influência da cultura gótica europeia, pouco antes de morrer de tuberculose escreveu *Macário* (1852). A narrativa rela a história de um homem que após sonhar com Satã, faz uma viagem ele pelo mundo e discute sobre vários temas com a figura-mor do mal.

Apesar de não ter contribuído com temas nacionalistas, esta obra de Azevedo incorpora uma das características fortes da geração ultrarromântica, o satanismo e a atração pela obscuridade da vida. Mas, não é possível falar da fundação da dramaturgia brasileira sem falar de Gonçalves de Magalhães, fundador do conservatório de Dramaturgia em 1843 e autor da primeira obra do teatro brasileiro. *Antônio José ou o poeta e a inquisição* (1838) a peça teve como principal protagonista João Caetano, o primeiro grande ator brasileiro que organizou e encenou a peça na praça da constituição no Rio de Janeiro em 13 de março de 1838, e foi bem recebido pelo público e crítica teatral, pela coragem de abordar este tema na época em questão, pois era baseada nos últimos dia de vida de um autor português, João Antônio da Silva, também conhecido como “o judeu”, que era um autor lusitano. Pode parecer incoerente, por conta do sentimento antilusitano aflorado no romantismo brasileiro, Magalhães ter escrito uma peça sobre um escritor português, mas o sentimento nacionalista da crítica daquela época levou em consideração o fato de a peça ter sido escrita por um brasileiro e em terra brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois dessa sucinta análise das contribuições da era romântica no Brasil, foi possível notar que literatura romântica estabeleceu um marco na história do nosso país, ela apontou o início da autonomia na produção intelectual e cultural brasileira mostrando como nosso país saiu do colonialismo e entrou na produção da grande era moderna que fora, talvez, a grande essência definidora da nossa literatura. Foi nesse período que o indianismo foi legendado além de a produção dessa época contribuir com a divulgação dos grandes

centros urbanos, do interior dos pais, revelando toda a riqueza cultural que até então não aparecera na literatura. Além do desenvolvimento intelectual, uma das maiores contribuições que a literatura ofereceu a jovem nação que acabara de sair dos domínios de Portugal, foi a independência e a autonomia em vários âmbitos, pois todo o pensamento político e filosófico daquela época eram reforçados e refletidos na produção literária, o que deu ao romantismo esse caráter nacionalista, tendo em vista que a independência do Brasil ocorreu justamente nesse período. A dimensão continental não se resumia apenas ao espaço geográfico do Brasil, pois foi na era romântica que surgiram nossos primeiros grandes escritores e nossas primeiras obras primas, o que deu visibilidade no cenário literário, tanto nacional, quanto em outras nações. A partir daí, começou a brotar os primeiros e magistrais frutos da literatura dessa frondosa nação que acabara de nascer.

NOTAS

- 1- Frederico Schlegel, apud :Coutinho(2004,.p.4)
- 2- BOSI (2004, P.260)
- 3- (Coutinho,2004,p.21)
- 4- Segundo Castello (2004,P.174)“
- 5- Candido (2004,p.262)
- 6- (Magalhães apud:Candido 1990,p.68)
- 7- (Estudo sobre a literatura: Niterói,Revista Brasiliense. Paris, Dauvim et´Fontaine, Libraries, 1836. t.2,n.2 In:Youssef,1991,p.48)
- 8- Dias In:Coutinho(2004,p.230)
- 9- Dias (1997,p.23)
- 10- (Coutinho, 2004, p. 234)
- 11- (Alencar,2012.p.362)
- 12- (Coutinho, 2004,p.263)

ABSTRACT: This work has the scope to discuss the period of Romanticism in Brazil and the contributions this season has offered training in our literature, as well as the transformations that the country suffered in the literary coming also from political events. It was in the Romantic era that Brazil sought their identity through themes and literary elements genuinely Brazilian. In this concise route we will discuss also, in general, some of the major authors and works, the genesis of Romanticism, as it manifested itself in Brazil. We will also see how the production romantic spread our language, our landscapes, our customs with the intention of creating the identity of our young nation through literature.

Keywords: Romanticism, creation of the literature, creation of the nation.

REFERÊNCIAS:

ALENCAR, José de. *O Guarani*. 4.ed. São Paulo: Martin Claret,2012.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo-Humanitas/FFLCH/ SP, 2004

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: era romântica*. São Paulo: Global, 2004.

CASTELLO, José Adraldo. *A literatura Brasileira: Origens e Unidade*. São Paulo: Edusp, 2004

CAMPEDELLI, Samira Youssef , *Tampas da Literatura Brasileira*. 2.ed. São Paulo: Ática. 1991.

DIAS, Gonçalves. *I-juca-pirama: seguido de Os timbiras*. 5.ed. São Paulo: L&MP ,1997.